

## A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO POEMA PORTA PARA O QUINTAL DE LUIZ BACELAR

Thays Coelho de Araújo (Uniaselvi)<sup>1</sup>

### RESUMO:

A proposta deste artigo refere-se à análise semiótica canônica do poema “Porta para o quintal” de Luiz Bacelar. Para isto, tomam-se como base, os estudos semióticos desenvolvidos por A.J Greimas, Fiorin, Barros, e Mussalim; Bentes (Orgs). Nesta perspectiva, verifica-se que o exame de todos os patamares do percurso é imprescindível para a eficácia da análise semiótica, pois ambos os níveis estão encadeados.

**Palavras - chave:** Análise Semiótica, Percurso Gerativo de sentido. Poesia, Luiz Bacelar.

### ABSTRACT:

The purpose of this article refers to the canonical semiotic analysis of the poem "Doortobackyard," Luiz Bacelar. For this, they take it as a base, semiotic studies developed by AJ Greimas, Fiorin, Barros, and Mussalim, Bentes (Eds). In this perspective, it appears that the examination of all levels of the course is essential to the effectiveness of semiotic analysis because both levels are linked.

**Keywords:** Semiotic Analysis, Generative Path Poetry, Luiz Bacelar.

### INTRODUÇÃO

Este artigo foi produzido com a finalidade de representar simplificadamente a teoria semiótica do texto. Deste modo, serão examinados todos os patamares do percurso gerativo de sentido, a fim de identificar como ocorre a construção do sentido em “Porta para o quintal” de Luiz Bacelar.

A análise semiótica abordada neste trabalho é de linha francesa, a qual foi disseminada pelo lituano Algirdas Julien Greimas. Numa primeira abordagem serão feitas considerações teóricas, posteriormente a análise do poema. Visto que a teoria semiótica do texto ainda é muito recente, tomaram-se por base os textos dos maiores estudiosos da semiótica, deste modo, serão empregados os posicionamentos de A.J Greimas e Courtés, 2012 (Dicionário de Semiótica), Fiorin, 2005 (Elementos de análise do discurso) Barros, 2011 (Teoria Semiótica do Texto), e Louis Hjelmlev 2006 (Prolegômenos a uma teoria da linguagem).

Inicialmente, será feito um esboço introdutório sobre a semiótica. Em seguida, apontamentos sobre a relação entre o texto literário e a semiótica. Posteriormente, apresentada uma breve análise, que servirá como exercício prático, assim sendo, o exame abrangerá todos os níveis do percurso gerativo de sentido do poema “Porta para o quintal” do autor amazonense Luiz Bacelar.

---

<sup>1</sup>Graduada em Letras- Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. E-mail: thays.19\_araujo@hotmail.com.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE SEMIÓTICA

Ao longo do século XX, a linguagem evidenciava a necessidade de ser tomada como objeto de estudo e ser explorada em sua completude. É nesta perspectiva que surge a Semiótica, com o intuito de responder a falta de objetos, do mesmo modo que convida a ser tratada com um olhar científico. É no âmbito da Linguística que a Semiótica vai se consolidando e demonstrando seu objetivo teórico. De acordo com (Mussalim; Bentes, 2011, p. 394)

O objeto da Semiótica é a significação, entendida não como um *a priori* já constituído, que se dê integralmente e de uma vez por todas, mas antes, como o resultado de articulações do sentido. É essa constituição do sentido que a semiótica busca expressar, opondo-se, portanto, ao posicionamento de que sobre o sentido nada se pode ou se deve dizer, por ser evidente ou intraduzível, recusando também a paráfrase, pessoal, impressionista, a interpretação intuitiva.

Neste sentido, a semiótica preocupa-se em evidenciar o modo pelo qual o sentido se consolida, ou seja, investiga não o verdadeiro sentido, mas a sua veridictoriedade (o que parece ser verdadeiro), o simulacro.

A teoria semiótica do texto ainda é considerada muito recente, deste modo, está no rol de teorias que se preocupam com o texto. Seus estudos foram disseminados pelo linguista francês Algirdas Julien Greimas (1817- 1922). Há outros teóricos envolvidos com a Semiótica como Charles Pierce, no entanto, não iremos nos aprofundar na Semiótica Pierceana por razões linguísticas. Assim, a teoria semiótica greimasiana atém-se à estrutura da significação, precisamente ao plano do conteúdo. O plano da expressão é visto na sua relação com o conteúdo. A semiótica deve ser vista como a teoria que explica, em primeiro lugar, o plano do conteúdo (Barros, 2005, p. 13).

Neste ínterim, o objetivo central da Semiótica está relacionado à descrição do sentido, que se mostra por meio de um percurso gerativo que abrange estruturas que vão das mais simples as mais complexas, essas estruturas são divididas em três patamares: nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo (Fiorin, 2009, p. 20).

Esses patamares explicam como o sentido é construído sem se prender a unidades descritivas da linguística. Assim sendo, a semiótica ultrapassa a barreira da frase e atinge o texto. Atém-se ao exame global do texto.

A semiótica, originalmente, demonstra grande preocupação em delimitar um objeto homogêneo, no momento de estabelecer uma proposta de análise de viés hipotético- dedutivo.

Entretanto, a teoria semiótica mostra-se, desde suas origens como uma teoria inacabada, que está em processo de consolidação científica.

## 2 RELAÇÕES ENTRE TEXTO LITERÁRIO E SEMIÓTICA

Não é grande surpresa que o primeiro campo da semiótica a se expandir para fora da linguística foi o dos estudos literários, especialmente na semiótica da narrativa, da poesia e do discurso em geral, (Santaella, 2006). Há uma grande proximidade entre linguística e literatura, principalmente por esta lidar primordialmente com a palavra. Nesta perspectiva, a semântica narrativa de A. J. Greimas é baseada num modelo inserido numa teoria discursiva que demonstra um percurso entre o nível profundo e o nível superficial do discurso. A ideologia (formalismo russo) que circundava a literatura nas décadas de 1960-1970 não se confunde com uma literatura estritamente estruturalista. Apesar de haver influências de trabalhos literários de Bakhtin, foi bem esclarecido que havia distinções perceptíveis entre as duas vertentes.

A semiótica literária, desde suas origens, não se limitou ao estruturalismo, assim, ao longo da evolução das pesquisas semióticas, ela foi abarcando outros textos que não somente o literário. Os textos literários são vistos como estruturas semióticas conotativas, pois utilizam como significante o sistema de signos primário, ou seja, o sistema linguístico. Nos discursos literários, por meio da palavra, manifestam várias significações, que podem representar uma realidade, bem como representar características de uma determinada cultura. (HJELMSLEV, 2006, p. 61). Os discursos literários apresentam várias “funcionalidades” no meio social. Eles são vistos como ficcionais, despertam emoções, suscitam o prazer do texto e constituem, geralmente, não ‘imitações da vida’ mas *metáforas da vida*, que proporcionam uma melhor compreensão da cotidianidade.

## 3 O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

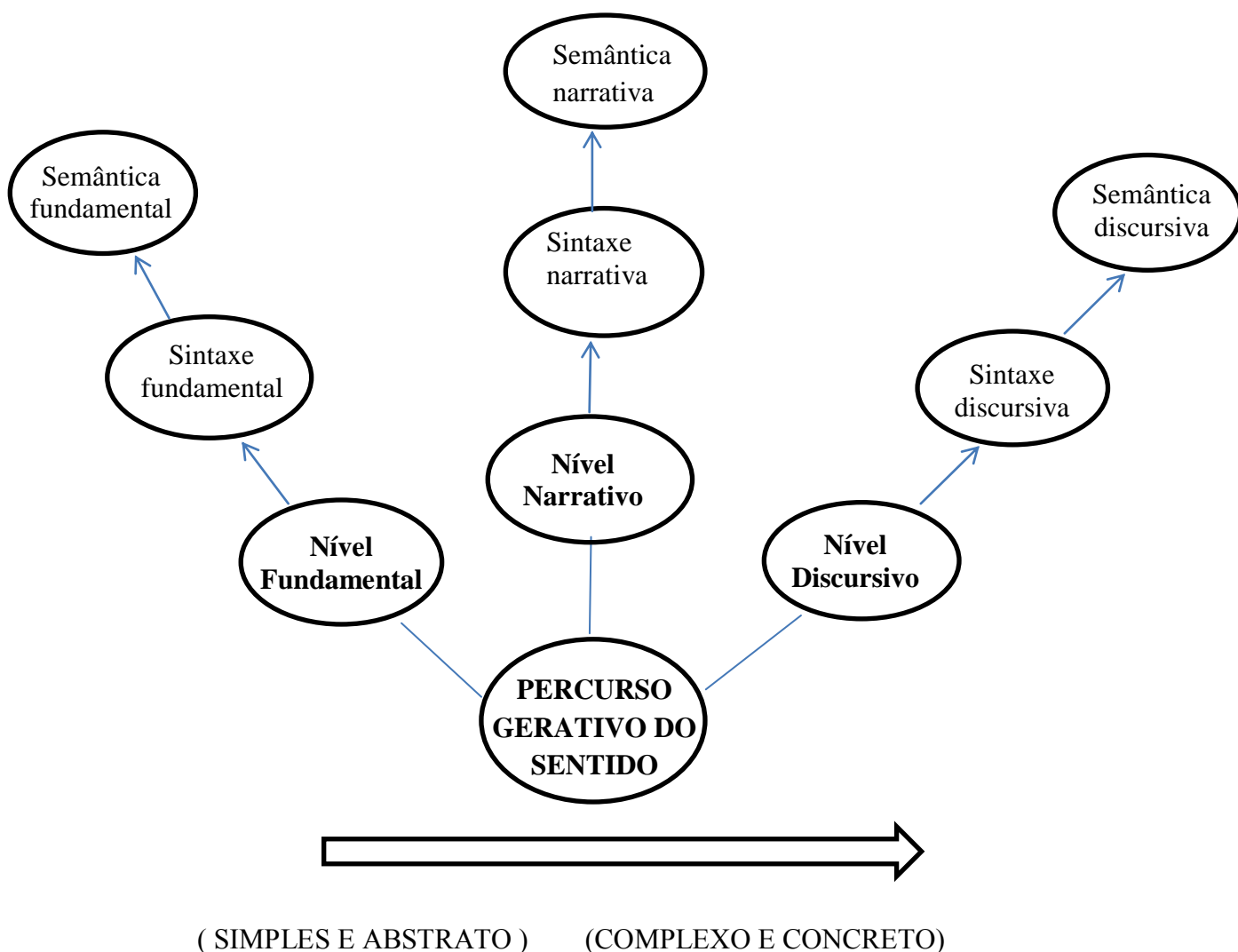
Greimas propôs uma revisão da teoria de níveis, elaborada como pressuposto da imanência do discurso, ou seja, uma entidade interna, que privilegia a produção do sentido, caracterizada como o percurso do conteúdo.

Nesse sentido, o principal objeto de estudo da semiótica é o percurso gerativo do sentido, o qual serve para que possamos interpretar textos de maneira mais eficaz (Fiorin, 2009). A semiótica propõe recursos que são indispensáveis para a análise interna do texto. Assim, o percurso está dividido em patamares que vai do mais simples ao mais complexo,

cada nível possui características que mostra como se produz o sentido. Nesta perspectiva, cada patamar se subdivide entre sintaxe e semântica, a primeira corresponde a materialidade da segunda. Os três patamares do percurso são o nível fundamental, o narrativo, e o discursivo.

O percurso gerativo, herança do grande precursor da Semiótica, Julien Algirdas Greimas, em uma primeira instância pode simular uma organização de sentido meramente estruturalista e complexa, no entanto, após sua compreensão, verifica-se que apesar de sua base estruturalista, o percurso é uma maneira didática de sistematizar a construção do sentido.

No esquema abaixo, podemos esquematizar como ocorre esse processo de construção do sentido.



A primeira etapa do percurso é a mais simples e abstrata e se manifesta com uma oposição semântica mínima.

No segundo patamar, nível narrativo, organiza-se a narrativa do ponto de vista do sujeito da narrativa.

Por fim, no nível discursivo, a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação que faz escolhas categóricas. (Barros, 2005, p. 13).

Para uma abordagem prática do percurso gerativo na construção do sentido do texto e para uma breve explanação do percurso, será analisado o poema “Porta para o quintal”, de Luiz Bacellar.

### **PORTA PARA O QUINTAL**

Bem haja o sol e a brisa neste canto!  
Cá fico imaginando a tarde inteira  
deixando relaxar nesta cadeira  
de embalo o corpo bambo de quebranto.  
Brincam nas folhas da saputilheira  
brilhos metalescentes, cor de amianto  
saltitam sanhaços de curto canto,  
aranhas tecem prata na trapeira.  
As telhas debruçadas dos beirais  
vão com as calhas de lata, lá entre elas,  
coisas de chuva e vento conversando  
quais velhinhas comadres; nos varais  
a roupa brinca de navio de velas  
minha infância perdida reinventando...

### **3.1 NÍVEL FUNDAMENTAL**

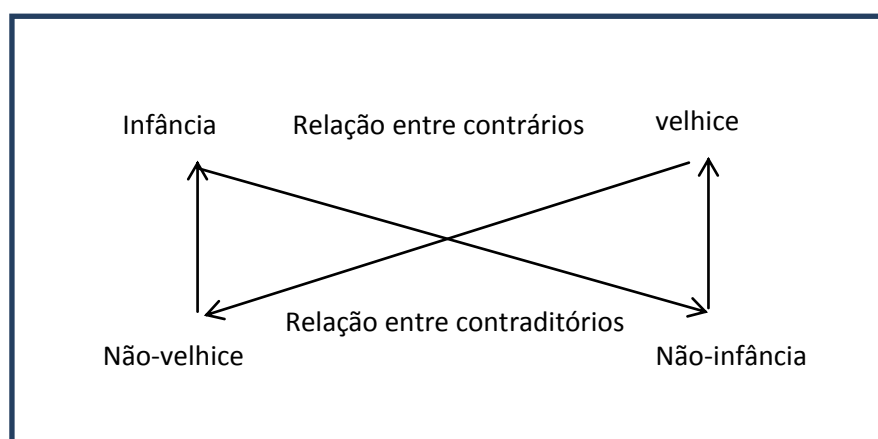
Nas estruturas fundamentais é necessário determinar as oposições, ou seja, as dualidades ou dualidade semântica presentes no texto.

Conforme Fiorin (2005, p. 21) o nível fundamental possui categorias semânticas que estão na base de construção de um texto. Deste modo, trata-se do exame de categorias semânticas que possuem uma relação de contrariedade entre si do tipo coragem x covardia. Deste modo, é importante que os elementos de oposição tenham algo em comum para que se estabeleçam essas diferenças.

Cada elemento recebe uma valoração semântica que pode ser eufórica ou disfórica, a primeira apresenta valor positivo, enquanto a segunda valor negativo. Esses valores não são

determinados pelo senso comum, ou seja, por aquilo que é julgado socialmente como certo ou errado. No entanto, o que caracteriza a euforia ou disforia é a maneira com que esses termos são apresentados no texto. É o texto, por exemplo, que nos diz se a coragem é um conceito positivo ou negativo.

Essas categorias fundamentais são representadas graficamente, pelo quadrado semiótico, que apresenta como a narrativa passa por categorias semânticas por meio de uma negação (Greimas, 2012, p. 400-404). Ex.:



A sintaxe fundamental apresenta a sistematização das operações de negação e asserção que estão no texto.

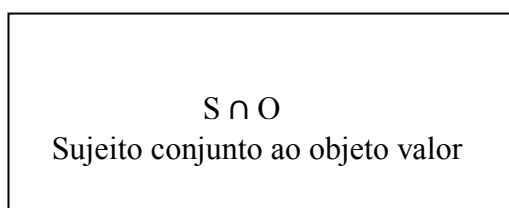
No texto em exame: **Porta para o quintal** de Luiz Bacellar, a oposição de base se dá entre infância *versus* velhice. Essa contrariedade é manifestada no texto da seguinte maneira: “*quais velhinhas comadres*”, “*minha infância perdida reinventada*”. Os termos opostos da categoria semântica estão intimamente relacionados por contrariedade, deste modo, o termo infância pressupõe o termo velhice. Nesta perspectiva a negação dos contrários implicariam dois contraditórios: não infância (caracterizada como o contraditório de infância) e não velhice (contraditório de velhice). Os elementos da categoria semântica recebem a qualificação eufórica e disfórica. A infância é tida no texto como eufórica, pois o narrador atribui um valor positivo a ela, no entanto, a velhice é apresentada disfóricamente, ou seja, é vista negativamente, pois, o fato de lembrar a infância e lamentar sua perda representa essa disforia.

No texto em exame, no nível da sintaxe narrativa, os tipos de enunciados presentes são: o de estado e o de fazer. No poema, o sujeito narrativo apresenta um desejo de conjungir-se com a infância que é expresso nos seguintes versos: “Cá fico maginando a tarde inteira”, “nos varais a roupa brinca de navio de velas”.

Deste modo, o sujeito narrativo é o “eu”, expresso pela forma “Cá fico maginando a tarde inteira”, o sujeito participa predominantemente dos percursos narrativos do poema.

Conforme (Barros, 2005, p. 22) há dois tipos de junção, ou seja, duas maneiras de o sujeito relacionar-se com os valores investidos nos objetos, a conjunção e a disjunção..

Assim, temos a seguinte relação: enunciados de estado, no qual o sujeito mantém relação de junção com vários objetos, no texto, os objetos são concretizados da seguinte maneira: “Bem haja **sol e brisa** neste canto/ Cá fico “**maginando**”/ deixando **relaxar** nesta cadeira o corpo. Esses objetos que mantêm relação conjunta com sujeito, evidenciam as lembranças do objeto valor central infância e o desejo de revivê-la. O enunciado de estado conjuntivo é representado da seguinte maneira: O sujeito= **S** entra em conjunção com os **O** = objetos- valor.



No que concerne aos enunciados de fazer, eles estão relacionados às transformações que ocorrem nos textos, ou seja, de um estado inicial de conjunção a um estado final de disjunção ou o contrário (Fiorin, 2009, p.28).

No texto em exame, inicialmente, o enunciado de fazer é manifestado da seguinte maneira: o sujeito “eu” transforma sua relação de junção com os objetos sol, brisa, imaginação, descanso que o fazem lembrar sua infância, nisto ocorre uma transformação de estado de disjunção parcial a junção com o objeto valor central infância.

Numa primeira instância, a narrativa é caracterizada como uma sucessão de estados e de transformações. O sujeito se relaciona primeiramente por estado de conjunção e posteriormente por disjunção com os objetos- valor, as mudanças de estado ocorrem por meio de transformações que são organizadas por meio de programas narrativos.

### 3.2 PROGRAMAS NARRATIVOS DO POEMA PORTA PARA O QUINTAL:

No PN1 o sujeito eu usufrui dos objetos- valor sol, brisa, “imaginação”, descanso, o sujeito do fazer é o próprio eu, a transformação ocorre quando o sujeito do estado altera sua

própria situação. Neste caso, a função do sujeito 1 é relaxar, “maginar”, e o sujeito 2, ou sujeito de estado tem como função entrar em conjunção com os objetos.

PN2: O eu usufrui dos objetos- valor, o eu é o sujeito do fazer, que “magina” a infância. A função deste programa é “maginar” a infância. O sujeito do fazer é o eu, o sujeito de estado (eu), conjungir-se com o objeto valor infância.

PN3: O eu adquire o valor da “magnação”, brincam nas folhas da saputilheira brilhos metalescentes, cor de amianto, saltitam sanhaços de curto canto, aranhas tecem prata na trapeira [...] A função deste programa narrativo é relembrar momentos infantis, o sujeito do fazer é o eu, o sujeito do estado (eu) é quem está em conjunção com o objeto valor infância.

PN4: O sujeito eu, perde o valor infância, a transformação principal é disjungir- se do valor objeto central infância.

Os programas narrativos examinados evidenciam diferenças que se manifestam de tais formas: os programas narrativos 1, 2, e 3 são considerados programas de aquisição de objeto-valor, pois a transformação implica em conjunção do sujeito com o objeto valor principal, a infância.

No entanto, no PN4 temos um programa de privação, pois o sujeito termina disjuncto do objeto valor infância.

Em *Porta para o quintal*, o programa de uso maginar a infância pressupõe o programa de base reviver momentos infantis. O valor modal que modifica a relação do sujeito com os valores é o querer, o eu demonstra seu desejo de reviver a infância.

Conforme Fiorin, 2005, p. 29, uma narrativa complexa estrutura-se numa sequência canônica, que pressupõe 4 fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção, entretanto, conforme com a intenção do texto essa sequência pode ser alterada.

Na fase da manipulação, um sujeito deve agir sobre outro para levá-lo a querer e/ ou dever fazer algo. No poema, os sujeitos, manipulador e manipulado, são representados por uma mesma personagem. “Cá fico maginando a tarde inteira, deixando relaxar cadeira, o corpo bambo de quebranto”. Deste modo, o eu é, concomitantemente manipulador e manipulado que age sobre o querer.

Na fase da competência, o sujeito deve demonstrar sua capacidade de realizar uma transformação. O percurso do sujeito em *Porta para o quintal* é visto da seguinte forma: o eu cumpre papéis actanciais que se manifestam ora como sujeito do querer ora como do saber-fazer, deste modo, o sujeito apresenta-se como sujeito de estado em conjunção com o querer e o saber fazer: Cá fico maginando a tarde inteira/ deixando relaxar nesta cadeira/ de embalo o



corpo bambo de quebranto. E o papel actancial de sujeito do querer e não-poder-fazer, “nos varais / a roupa brinca de navio de velas/ minha infância perdida reiventando.

Tendo em vista a performance como uma apropriação de valores, ela é caracterizada tipo logicamente como a aquisição de um programa de base de valor descritivo, onde os sujeitos do fazer e do estado são realizados por um único. No poema em exame, o eu age como sujeito do fazer, imagina, relaxa o corpo, para que na condição de sujeito de estado alcance os valores que deseja, ou seja, entre em conjunção com a infância. Assim sendo, a performance central do “eu”, é disjuntar-se com a infância.

### 3.3 NÍVEL DISCURSIVO

Neste patamar do percurso, o enunciador “autor” (do poema), simulou a ausência de distanciamento em relação ao que ele enuncia. Deste modo, o poema é composto por um enunciador “autor do texto”, ou melhor, o destinador implícito da enunciação; um enunciatário (leitor) - o destinatário implícito da enunciação; um narrador (personagem central) e um narratário (tu). Nas categorias de pessoa, tempo e espaço, há a predominância de um (eu), um (aqui) e também um (lá), porém, este lá, não é muito distante, e (um agora), que são expressos da seguinte maneira: Cá fico magindo, Bem haja sol e brisa neste canto, vão com as calhas de lata, lá entre elas, deixando relaxar nesta cadeira.

Todas as categorias mencionadas evidenciam o efeito de subjetividade que é construído ao longo do texto, e mesmo havendo a menção de um lá, isso não afeta a intenção subjetiva do sujeito da enunciação. Esse mecanismo de projeção da enunciação é caracterizado como debreagem enunciativa.

No que concerne à construção do tempo, ou seja, à debreagem temporal, o momento da enunciação toma por base o agora, o narrador cria efeito de concomitância entre o tempo da narração e dos fatos narrados, assim, ele simula que os acontecimentos estão ocorrendo no momento em que estão sendo narrados, ou seja, no presente. No entanto a atitude de narrar ocorre num momento posterior à história contada. No trecho: “A minha infância perdida se reinventando” caracteriza uma anterioridade em relação ao tempo presente, o que é chamado de pretérito I, há a afirmação de que em algum momento o sujeito esteve em conjunção com a infância, porém não está mais, por isto a reinventa.

O tipo de discurso presente no poema é o direto, pois o enunciador (o autor do texto) dá voz à personagem central “eu”, reproduzindo inteiramente a fala dela. O enunciador cria, principalmente, um efeito de realidade e de autenticidade.

O texto é predominantemente figurativo, pois aparecem várias figuras que remetem ao mundo natural como: sol, brisa, maginar, tarde, relaxar, cadeira, corpo, quebranto, brincar, folhas, saputilheira, brilhos, sanhaços, aranhas, tecer. Chuva, vento, conversar, comadres, varais, roupas, navio, infância. O poeta tematiza a infância como um tempo ideal, assim os temas que dão sentido às figuras são bem-estar, reviver a infância. As figuras “sol”, “brisa”, “maginando”, “tarde inteira” “relaxar o corpo”, demonstram o percurso figurativo do bem-estar e harmonia com o espaço, o aqui é tematizado como um lugar ideal, a natureza é vista de maneira agradável, o que figurativiza esse tema é: sol e brisa, nas folhas da saputilheira brilhos metalescentes, cor de amianto, a natureza, ou seja, o quintal é um espaço agradável que faz relembrar os momentos nostálgicos da infância.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma abordagem inicial sobre a Teoria Semiótica do Texto, evidencia-se que ela ainda é uma teoria muito recente, portanto não deve ser vista como acabada, mas como um projeto científico que está em evolução. Há uma preocupação semiótica muito significativa em demonstrar como o sentido é construído ao longo de um texto, para isto, a semiótica utiliza-se do percurso gerativo do sentido que abarca três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo.

No nível fundamental é onde se estabelece as categorias semânticas de oposição que vão fundamentar o percurso inteiro do texto. O nível narrativo evidencia uma grande riqueza estrutural e mostra que todo texto possui uma narratividade, o que faz com que ela não tome as ações de maneira aleatória. Assim, na medida em que os fatos da narrativa se desenrolam, o (s) sujeito (s) muda (m) seu (s) estado (s) e passa (m) a estado conjuntivo/ eufórico para o disjuntivo/ disfórico ou o contrário.

As transformações da narrativa ocorrem pela busca de objetos-valor que o sujeito faz. Desse modo, o sujeito pode mudar seu estado de ser a partir das ações que ele desempenha ao longo da narrativa, por meio das modalizações querer-fazer, poder-fazer e saber-fazer. Essas mudanças podem ocorrer por meio de contratos de manipulação que são estabelecidos entre os sujeitos da enunciação. Neste poema, temos apenas um sujeito que age ora como sujeito de fazer ora como sujeito de estado. Sujeito de fazer quando ele age motivado pelo meio natural que o cerca, sujeito de estado quando ele passa a conjunção com esse objeto.

No nível narrativo, pode-se afirmar que a história é recontada, ressaltando os sujeitos e os papéis que eles desempenham. Investiga-se a relação entre sujeito e os objetos, mais especificamente com o valor neles investidos.

O nível discursivo é considerado o mais concreto de todos os patamares do percurso gerativo do sentido. É neste nível que é atribuída à narrativa, de maneira objetiva, uma nova roupagem, concretizando as categorias de *pessoa*, *tempo* e *espaço*. Deste modo, os atores são integrados num determinado tempo e espaço. É por meio desse nível que o enunciador (autor) evidencia sua intencionalidade por meio de escolhas linguísticas que ele faz.

Nesta perspectiva, a teoria semiótica investiga os elementos que causam os efeitos de sentido no texto. Na construção do nível discursivo, o enunciador, pode simular maior ou menor distanciamento em relação ao que enuncia. Deste modo, quando ele demonstra ser objetivo, há a debreagem enunciativa e quando evidencia parcialidade em relação à enunciação ocorre uma debreagem enunciativa.

Assim sendo, não se pode confundir ator (de carne e osso), tempo e espaço real com autor, tempo e espaço do texto. Para a semiótica, esses elementos da realidade não interessam para o exame do texto. No entanto, a teoria investiga o parecer verdadeiro, o simulacro.

## REFERÊNCIAS

BACELLAR, L. **Frauta de barro**. Manaus: Editora Valer, 2011

BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2001.

FIORIN, J, L. **Elementos de análise do discurso**. 14ed. 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

GREIMAS. A.J & COURTES, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

HEJLMSLEV, L.T. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

I MUSSALIM, F II. BENTES, A. C. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTAELLA. L. **A semiótica e os estudos literários**. São Paulo, 2006.

Recebido: 15/09/2014

Aceito: 02/10/2014